

A IMPORTÂNCIA DA MULHER EM TEMPO DE PANDEMIA COVID-19

Bárbara Elizabeth Vila Nova da Silva¹

Yasmin Larissa Vila Nova da Silva²

Resumo: Esse artigo visa demonstrar a importância da mulher durante a pandemia provocada pela covid-19, com o objetivo de demonstrar o papel das mulheres trabalhadoras em diferentes condições sociais e suas múltiplas tarefas frequentes tanto no espaço doméstico com no público durante essa pandemia. Assim como foi percebido que as mulheres nessa pandemia estavam sobre carregadas, e tiveram a sua qualidade de vida afetada por diversas tarefas, incluindo a da sua profissão, com isso tendo de fazer uma reestruturação em toda sua vida e no seu tempo. Tendo como destaque o aumento da violência nas mulheres na pandemia pelo total isolamento social e mais convivências com seus parceiros, resultando em alguns serviços de combate à violência doméstica durante a pandemia de covid-19 não só como forma de proteger mulheres como também crianças, pessoas com deficiência e idosos.

Palavras Chaves: Mulher; Pandemia de Covid-19; Trabalho.

Abstract: This visa of importance of women during the pandemic, with women different from covid-19, the role of working women in demonstrating social conditions and their working conditions with public functions are not so common. As was the life that many women carried over their lives, and they had their lives all their lives and tasks, including their quality of life, all their lives and tasks, with that of doing their quality in all their lives and tasks. Highlighting the increase in violence against women in the pandemic due to total social isolation and more coexistence with their partners, resulting in some services to combat domestic violence during the covid-19 pandemic. with disabilities and the elderly.

Keywords: Woman; Pandemic from covid-19; Work.

¹ BÁRBARA ELIZABETH VILA NOVA DA SILVA; Advogada. Email:<barbaraavilanova@gmail.com>

² YASMIN LARISSA VILA NOVA DA SILVA, Enfermeira. Email:<yasminlarissavilanova@gmail.com>

Introdução

Ao longo do tempo, o compromisso do historiador vem sendo a interpretação do passado, no sentido de que cabe a essa área do conhecimento tal abordagem, e o tempo presente seria objeto de estudos de outros profissionais, por exemplo, dos jornalistas, uma vez que: “Os fatos realizados se apresentam a nós com uma clareza bem diferente daquela dos fatos em vias de realização” (ROUSSO, 2016, p. 262). Aos historiadores, as ações humanas podem ser compreendidas em seu momento posterior e as apreensões do viver das sociedades, no tempo presente, invertem esta posição e podem ser fluídas, pois: “Eles [os jornalistas] interpretam uma história inacabada e assumem o caráter provisório de suas análises” (ROUSSO, 2016, p. 262).

Como na obra *Angelus Novus*, de Paul Klee, em que o anjo deseja olhar o passado, mas é arrastado para um futuro destruidor em razão do progresso (BENJAMIN 1985, p. 226), também, nos dias atuais, essa obra é inspiradora. Historiadores e estudiosos de diferentes áreas assistem (e vivem) às intensas mudanças que vêm marcando o mundo, sobretudo dos últimos 70 anos: a crise ambiental, os preconceitos étnicos, o feminicídio, o impacto das redes sociais e a presença cada vez maior da tecnologia nas atividades humanas ocupam as pautas dos jornais e evidenciam o cotidiano das sociedades.

Revisitar o passado, na perspectiva do que sugere o anjo de Paul Klee, pode ser como: “Acordar os mortos e juntar os fragmentos” (BENJAMIN, 1985, p. 226), o que inspira os estudiosos a escrever **uma história outra**³. No Brasil, há algumas décadas, a condição feminina e o cotidiano das mulheres vêm sendo objeto de estudos históricos. Partindo de autores que consideram as mulheres comuns – pobres, negras, migrantes, indígenas, operárias –, historiadoras e historiadores de referência em nosso País, como Maria Odila Leite da Silva Dias (1984), preocuparam-se com a história das mulheres em diferentes tempos e lugares.

Com o alerta da OMS, o Ministério da Saúde do Brasil definiu uma série de medidas a serem adotadas para o combate ao coronavírus (AGÊNCIA BRASIL, 2020). A crise produzida pela pandemia agravou o desemprego e a precarização do trabalho em curso no Brasil, nas últimas décadas (MARTINS, LIPP & MONTEIRO JUNIOR, 2020; MELO & CABRAL, 2020).

³A expressão *uma história outra*, *uma outra história* é usada por Michelle Perrot (1988, p. 212) em sua abordagem sobre as mulheres na história em relação às suas práticas cotidianas e formas de resistência.

A adoção repentina do home office durante a quarentena (SAVIC, 2020; WAIZENEGGER, MCKENNA, CAI & BENDZ, 2020) obrigou os profissionais e suas famílias a adaptarem-se à nova realidade: os trabalhos domésticos se intensificaram devido à ausência dos serviços habitualmente contratados; escolas e universidades passaram a ter o conteúdo ministrado através de plataformas digitais; os encontros sociais e as atividades físicas passaram a ser feitos à distância.

Tais indicadores nos levaram a pressupor que a súbita necessidade de ter que trabalhar em casa, cuidar dos afazeres domésticos e dos filhos trouxe mais sobrecarga para as mulheres, sobre o conflito trabalho-família corrobora essa pressuposição ao evidenciar que o conflito, quando ocorre, atinge de forma mais intensa as mulheres, sobretudo aquelas que são mães (GREENHAUS & BEUTELL, 1985; ROMAN, 2017).

Sendo assim, a doença do novo coronavírus, a COVID-19, é responsável pela atual pandemia e alterou a rotina de parcela significativa da população em decorrência de sua elevada patogenicidade e objetivando reduzir índices da transmissão do patógeno, foram recomendadas as medidas de distanciamento social, as quais contribuíram para o aumento da violência doméstica, sobretudo contra as mulheres. No contexto de pandemia, a política do isolamento social é fundamental para conter a disseminação do vírus. Entretanto, esta medida é apontada como a principal agravante para o aumento da incidência de violência doméstica contra a mulher, haja vista que o núcleo desse tipo de violência é o ambiente familiar e, durante a pandemia, as mulheres permanecem mais tempo próximas dos seus agressores (MARQUES ES, et al., 2020; Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), 2020; REIS AP, et al., 2020).

2. As Mulheres e a geração da sua história

Mary Del Priore (1997), na organização da obra História das mulheres no Brasil, reúne autores (as) que, em diferentes perspectivas e abordagens metodológicas, esclarecem conceitos historicamente construídos sobre os papéis femininos, buscando problematizá-los, desconstruindo-se ideias universais do ser mulher:

Muitas mulheres, trabalhadoras e, especialmente, as feministas, têm lutado nas últimas décadas pela construção de uma esfera pública democrática. Elas querem afirmar a questão feminina e assegurar a conquista dos direitos (...). Por isso mesmo, é importante estabelecer as pontes que ligam as experiências da história recente com a do passado, acreditando que nos acercamos de um porto seguro e

nos fortalecemos para enfrentar inúmeros problemas do presente (RAGO, 1997, p. 604-605).

Maria Odila Leite da Silva Dias (1984) preocuparam-se com a história das mulheres em diferentes tempos e lugares. A historiadora marcou essa escrita evidenciando as experiências femininas das mulheres pobres na cidade de São Paulo no século XIX, em suas múltiplas estratégias para cuidar da casa, dos filhos e vender seus quitutes nos centros urbanos:

Igualmente tensas, embora menos ritualizadas em grandes ocasiões públicas, foram, desde o início, as relações das quitadeiras com o fisco e autoridades municipais. Toda a sua maneira de sobreviver implicava a liberdade de circulação pela cidade, pois dependiam de um circuito ativo de informações, bate-papos, leva-e-traz, contratos verbais... contra os quais havia medidas de repressão forjadas pelo sistema colonial, envolvendo licenças, toques de recolher, passaportes, salvo-condutos, que afetariam drasticamente, se fossem cumpridas a ferro e fogo, a possibilidade do ganha-pão. Ao sabor do crescimento do espaço urbano, organizava-se um pequeno comércio em que as mulheres pobres eram ao mesmo tempo vendedoras e freguesas, constituindo a própria clientela; vendedoras e quitadeiras eram simultaneamente agentes de demanda e de oferta, sobrevivendo com relativa autonomia, graças à dificuldade de qualquer sistema efetivo de vigilância e controle policial (DIAS, 1984, p. 48).

Luciano Figueiredo (1993) resgatou o dia a dia da mulher no cotidiano da mineração na capitania das Minas Gerais no século XVIII, trazendo referências às formas de controle das autoridades, bem como a ativa participação feminina na economia da região, sendo comprovada, em dados oficiais, sua contribuição no valor dos impostos arrecadados:

Apesar do campo oferecer menos oportunidades para o trabalho feminino do que a cidade, e das dificuldades de acesso à propriedade, foram várias as mulheres participando como roceiras de pequenas produções rurais arrendadas. Não chega a ser difícil admitir que muitas destas lavradoras, além de se ocuparem da produção de subsistência, garantissem elas mesmas, ou através de outras mulheres, o pequeno comércio de gêneros básicos nos núcleos urbanos mineiros. Esta tendência estaria refletida nos índices sobre todos os produtos agrícolas, compreendendo sua décima parte (FIGUEIREDO, 1993, p. 192).

A experiência é o passado atual, aquele no qual acontecimentos foram incorporados e podem ser lembrados. (...) a expectativa se realiza no hoje, é futuro presente, voltando para o ainda-não, para o não experimentado, para o que apenas pode ser previsto (KOSELLECK, 2006, p. 309-310).

Assim sendo, para os escritores (as) que priorizam histórias de mulheres mais vulneráveis, comuns – pobres, pardas, negras, indígenas, imigrantes, etc para pesquisas, nesse período de pandemia podem ser bastante considerável no futuro para a história das mulheres quando a pandemia chegar ao fim.

3. Mulheres e suas múltiplas tarefas no cenário da pandemia do covid-19

Considerando as lutas e as conquistas das mulheres, a economista Machado (2020) analisa essa realidade em tempos de pandemia:

Os impactos econômicos das medidas de isolamento social afetaram desproporcionalmente os trabalhadores mais vulneráveis. Não apenas aqueles com menores salários e para os quais o trabalho remoto não é uma opção, mas também para aqueles cujo arranjo familiar – a presença das crianças – dificulta o exercício de suas funções quando as escolas estão fechadas. (...) É notório que o fechamento das escolas compromete o aprendizado das crianças e prejudica a retomada das atividades econômicas para trabalhadores com filhos. É um enorme retrocesso voltar a impor às mulheres a escolha binária entre carreiras e famílias (MACHADO, 2020, p. 18).

Conforme essas análises, Matos; Borelli (2012) retornar aos lares, ocupar-se exclusivamente da casa e dos filhos e desconsiderar as frentes de trabalho experimentadas pelas mulheres, seria um retrocesso histórico, uma vez que:

Ao longo deste último século, as mulheres ampliaram sua presença no mundo do trabalho (formal e informal) e ocuparam diversos campos profissionais. Porém, paradoxalmente, a maior parte das mulheres continua concentrada em ocupações de menor remuneração, em empregos precários e vulneráveis, sendo que elas são mais atingidas pelo desemprego que os homens. Persistem ainda dificuldades de inserção em determinadas especialidades ou funções, bem como as desigualdades salariais e os múltiplos obstáculos à promoção nas carreiras existentes (MATOS; BORELLI, 2012, p. 145-146).

Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (Unesco), cerca de 1,5 bilhão de crianças e adolescentes em todo o mundo está fora da escola devido ao fechamento das instituições de ensino como iniciativa para contenção de casos da covid-19. No Brasil também houve a interrupção das atividades nas creches, escolas, e universidades públicas e privadas. Com isso, a dinâmica das famílias com crianças e adolescentes tem exigido um esforço maior dos pais, responsáveis e/ou cuidadores que necessitam conciliar o trabalho remoto, o trabalho doméstico e os cuidados com os filhos (MARQUES et al. 2020, p. 3).

No entanto, vale lembrar, aqui, que a responsabilidade pelo trabalho doméstico formal ou não, ainda é, no Brasil, exclusivamente destinada às mulheres, representando uma desigualdade entre os gêneros masculino e feminino. Esse trabalho é marcado por dor, opressão e adoecimento, principalmente diante da naturalização da posição subalterna que a mulher ocupa na sociedade e na hierarquia da estrutura familiar tradicional, que a leva à exaustão diante dos cuidados requisitados por todos os membros da família. Muitas vezes, a própria mulher internaliza, nas relações de poder vigentes na sociedade, que cabe a ela a obrigação desses afazeres, dispensando muito pouco tempo para cuidar de si mesma, descansar ou buscar meios de lazer (PORTO, 2008).

Gurgel (2010) analisa a marginalização da mulher no contexto social e ressalta que nas relações de produção ela não possui total liberdade de escolha sobre as deliberações que gostaria de realizar, algumas atribuições são fortemente marcadas por imposições sociais que retiram, por meio de um controle social, o poder de escolha sobre seu corpo, seu trabalho e a organização do seu tempo

A entrada da mulher no mercado propiciou a intensificação do conflito trabalho-família (SANTUJÁ & BARHAM, 2005), o que leva muitas mães a restringirem sua participação na força de trabalho para atender às necessidades familiares (BEUTELL & O'HARE, 2018; PETERS & BLOMME, 2019).

A exaustão física está constantemente presente no conflito trabalho-família justamente por causa da sobrecarga envolvida (PLUUT, et al., 2018). Além disso, podem surgir problemas como estresse, depressão, hipertensão, ansiedade, transtornos de humor e abuso de substâncias como maior consumo de álcool (EBY et al., 2005; OLIVEIRA, CAVAZOTTE & PACIELLO, 2013).

No entanto, esse círculo vicioso desencadeado pela pandemia, que já perdura por alguns meses, diariamente, sem finais de semana ou feriado, toma um tempo... Tempo que tem afetado sobremaneira a saúde e a qualidade de vida de muitas pessoas, embora o foco aqui sejam as mulheres, mais especificamente as trabalhadoras docentes de Instituições de Ensino Superior (IES), que já enfrentam, além do produtivismo acadêmico que suas realidades profissionais lhes impõem, as jornadas duplas/triplas de trabalho que assumem ao serem mães e donas de casa (BORSOI, 2012; BORSOI & PEREIRA, 2011; FABBRO & HELOANI, 2010).

3.1 A Presença da mulher na produção acadêmica

A produção de conhecimento acadêmico é antiga e em grande parte da história, foi direcionada e aclamada pelas vozes e presenças masculinas. Não quer dizer que a mulher nunca produziu, mas apenas recentemente começou a ocorrer a conquista e oportunidade dessas profissionais contribuírem e inovarem com a ciência. As mulheres cientistas precisam ser encaradas enquanto sujeitos em toda sua magnitude, de modo que entender as suas produções é ter um olhar amplo sobre o contexto situacional laboral e uma espécie de interseccionalidade de outras funções que as mesmas exercem (SANTOS, 2016).

Ser produtiva nesse espaço de pesquisa, é uma das formas de sair ou pelo menos atenuar a invisibilidade que é posta para a figura feminina, para além de fazer jus aos requisitos e demandas frente aos órgãos que regulam as publicações por exemplo, é uma maneira de compartilhar conhecimento e de fazer valer o empenho no manuseio de investigações. Ser produtiva é uma constante que caminha junto com negociações que giram em torno de funções familiares, domésticas, relacionais e sociais que fazem parte dessa “carga” cobrada (SANTOS, 2016).

Nota-se que a presença feminina na produção acadêmica, assim como na ciência em geral, não se resume apenas na inserção ou não das mulheres nessa conjuntura, a provocação engloba as estruturas tradicionalmente postas nesses mesmos espaços de diálogo. Gênero e ciência representa um estudo também antropológico e sociológico das escaladas de posições e modelos sobrepostos. Não são apenas as áreas escolhidas, os seletivos prestados, a forma de produção e a postura adotada, mas também configuram alicerces dessa constante luta o alerta para uma problemática de muito mais profundidade do que realmente se pensa (KOVALESKI, 2013).

Claro que nos dias atuais, esse ingresso é bem mais constante do que antigamente, aliás, em muitos cursos, como o de Direito, a maioria dos discentes que se forma são do público feminino. Apesar de representarem pouco mais da metade das inscrições na OAB, as mulheres ainda possuem dificuldade de chegar no topo de muitas carreiras jurídicas. A percepção dessa luta por uma presença constante acaba sendo expandida para diversos campos profissionais nos quais quantidade e qualidade, ou reconhecimento, parecem não caminharem lado a lado (NUNES, 2020).

3.2 A Mulher e o impacto da produção acadêmica (home-office) na pandemia do covid-19

Em um primeiro momento pode-se acreditar que a implementação dessas tecnologias, mesmo em caráter emergencial, poderia ter otimizado por completo qualquer atividade feminina desempenhada, todavia é válido questionar até ponto essas inovações também solicitaram mais atenção, esforço mental, físico e psicológico dessas mulheres. Talvez não exclusivamente, mas para além dos profissionais de saúde, os que lidam com a educação também sofreram aumento no desenvolvimento de doenças ligadas à ansiedade, estresse e depressão (SILVA et al, 2020).

A docência em si possui demandas que exigem um compromisso para além do momento de aula, aspecto que se intensificou na pandemia e impactou na organização do tempo social, reduzindo ou retirando do cotidiano as atividades de lazer. Dito isso, cumpre ressaltar que a pandemia provocou uma reestruturação tanto na gestão como na organização do fazer docente e, conseqüentemente, ampliou a intensidade e a precariedade das condições de atuação profissional ao avultar metas e estender o tempo da jornada de trabalho (SOUZA et al., 2020).

Lemos, Barbosa e Monzato (2021) apud Spurk & Straub (2020), apontam que:

O home office implementado em decorrência da pandemia da Covid-19 é um arranjo eventual, pois foi a modalidade de trabalho adotada por muitas empresas para contornar a crise (Agência Brasil, 2020b). As pessoas que estão trabalhando em casa muitas vezes tiveram horários de trabalho modificados e possuem grandes chances de interrupções e distrações com a presença da família que também se encontra em casa devido à pandemia (SPURK & STRAUB, 2020).

Nesse mesmo ritmo, a elevação possui relação também com os treinamentos necessários para com a tecnologia a ser utilizada e mediada nas produções acadêmicas. Notase que nem todas as docentes e pesquisadoras possuíam toda proximidade e técnica necessárias para o manuseio de aparelhos eletrônicos concomitantes, plataformas, salas virtuais, sendo assim o empenho colocado também leva em consideração a dedicação e estudos dessas novas tecnologias para com as produções acadêmicas. Em um curto espaço de tempo, os papéis ativos e passivos para com a vida acadêmica precisaram ser revistos já que ao que parece, os modos de aula e pesquisa tradicionalmente postos já não atendem às demandas reais e sociais (DE OLIVEIRA; CORRÊA; MORÉS, 2020).

Ser mulher professora em contexto de pandemia também diminuiu a privacidade e as interações no momento da aula, em contrapartida, ampliou uma atenção virtual individual, indo além dos limites do tempo de dedicação ao ensino remoto. Essas questões evidenciam o quanto a docência é movida por relações humanas que não conseguem ser supridas pela relação estabelecida no momento do ensino, exigindo uma atenção individual a demandas que surgem nessa relação, na qual o professor é ao mesmo tempo pessoa e profissional, não podendo desconsiderar nenhum destes aspectos (NÓVOA, 2007)

Sobre isso, Borsoi & Pereira (2011) realizaram um estudo que discutiu aspectos da atividade acadêmica que impactam a saúde de docentes de IES públicas e o modo de organizar o seu tempo dentro e fora do âmbito laboral, ou seja, nos espaços público e privado. Constataram que professores homens e professoras mulheres lidam de forma diferente com suas atribuições. As mulheres estavam mais propensas a maiores jornadas de trabalho; a dividirem/sobreporem necessidades profissionais e incumbências domésticas, flexibilizando o uso do tempo privado; e a sofrerem e/ou adoecerem psiquicamente.

Santarosa et al. (2020) buscou demonstrar a realidade vivida pelas acadêmicas, apontando que “Seis semanas após a ampla quarentena de auto-quarentena, os editores de revistas acadêmicas começaram a perceber uma tendência: as mulheres, que inevitavelmente assumem uma parcela maior das responsabilidades familiares, parecem estar enviando menos artigos”. A autora resume mostrando que todo esse contexto vivido, traz mais uma ameaça as carreiras das mulheres na academia.

Schouten (2011) contribui afirmando que é no ambiente doméstico que menos se progrediu em relação no sentido de igualdade sobre os gêneros, sendo ali que em geral as mulheres tem muito mais responsabilidades e trabalhos do que os homens. Para a autora, o fato de trabalhar dobrado e ter uma carga maior com essas ocupações domésticas, implica consideravelmente na sobra de pouco ou nada de tempo para o crescimento profissional, sendo que as progressões de carreira das mulheres permanecem sempre mais lenta.

3.3 O Impacto da violência na vida das mulheres durante a pandemia

Marli da Costa e Quelen de Aquino (2011) analisa o tema sobre o seguinte ponto de vista: “a violência contra a mulher é um problema de relevância social, pois se refere não

só às questões de criminalidade, como principalmente destaca-se como verdadeira afronta aos direitos das mulheres”.

Segundo os dados do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MMDH) para o “Estadão Conteúdo”(2020) em abril do ano de 2020, quando o isolamento social imposto pela pandemia já durava mais de um mês, o canal 180, recebeu cerca de 40% a mais de denúncias de violência contra a mulher em relação ao mês de abril em 2020. No entanto, ainda não é possível mensurar o real número de casos, pois muitas mulheres tem medo de fazer a denúncia ou são impedidas pelo agressor.

Segundo a Amanda Pimentel (2020) para o site Gênero e Número:

A violência doméstica na pandemia é um movimento global que aconteceu em quase todos os países que decretaram a quarentena, em razão das medidas restritivas, que, embora sejam necessárias para o combate à doença, trouxeram uma série de problemas para as mulheres. As medidas acabaram por impor uma limitação à locomoção e um convívio muito mais duradouro e hostil da vítima com seu agressor, que na maioria das vezes é o companheiro, namorado e marido”. (SILVA apud PIMENTEL, 2020).

Durante a pandemia da COVID-19, segundo a nota técnica do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (2020), houve um crescimento no número de feminicídios durante a pandemia da COVID-19, vejamos:

O crescimento no número de feminicídios registrados nos 12 estados analisados foi de 22,2%, saltando de 117 vítimas em março/abril de 2019 para 143 vítimas em março/abril de 2020. No Acre o crescimento chegou a 300%, passando de 1 para 4 vítimas este ano; no Maranhão o crescimento foi de 166,7%, de 6 para 16 vítimas; no Mato Grosso o crescimento foi de 150%, passando de 6 para 15 vítimas. Apenas três UFs registraram redução no número de feminicídios no período, Minas Gerais (-22,7%), Espírito Santo (-50%), e Rio de Janeiro (-55,6%).

Assim como um complemento no combate a violência contra a mulher, foi sancionada a Lei 14.022/2020, por meio da PL 1.291/2020 da relatora Rose de Freitas (Podemos-ES). A mencionada lei torna primordiais os serviços de combate à violência doméstica durante a pandemia de covid-19 e não só protegendo as mulheres como também ampliando aos idosos, crianças e pessoas com deficiência.

Iara Faria Borges (2020), apontou em seu artigo “Lei que combate violência doméstica durante a pandemia já está em vigor” para a Rádio Senado que, segundo a relatora, a criação da lei “é de grande importância. Porque nós estamos no tempo e na hora

tomando as atitudes necessárias. É a construção a favor de uma mulher, presa dentro de um cenário, sofrendo as consequências da violência da cultura machista que ainda perdura. Isso não é pouca coisa”.

Em alguns países a compreensão de que o isolamento do covid-19 contribuiria para o aumento da possibilidade de estresse nas relações mulher e homem, com isso proporcionou a introdução de uma sequência de medidas para acolher e receber as mulheres que estão sofrendo agressão em casa na pandemia. Então foram criados alguns dispositivos para atender denúncias, instalação de equipes de proteção e aconselhamento nas farmácias ou nos supermercados, de modo que, ao estarem nesses lugares realizando compras, as mulheres pudessem buscar ajuda junto às autoridades. Segundo os estudiosos Pimentel e Martins (2020, p. 41), em países como França, Espanha, Itália e Argentina os quartos de hotéis se tornaram locais de acolhida às mulheres sem proteção, bem como para o isolamento necessário no tempo do confinamento.

3.4 As Mulheres a frente da pandemia do covid-19

O relatório da ONU Mulheres chamado "Mulheres no centro da luta contra a crise COVID-19" (ONU MULHERES, 2020b) traz números esclarecedores sobre o papel da mulher diante desta pandemia. Segundo o estudo, 70% dos trabalhadores de saúde em todo o mundo são mulheres. No Brasil, são 85% de mulheres trabalhando no corpo de enfermagem, 45,6% dos médicos e 85% dos cuidadores de idosos são mulheres, fato que as expõe a um maior risco de infecção pelo vírus.

Em todo o mundo, os profissionais de saúde estão lidando com condições extremas de trabalho, expondo suas vidas para prestar cuidados a um número impossível de pacientes. Apesar das mulheres ocuparem uma estimativa de dois terços da força de trabalho da saúde em todo o mundo, são os homens que ainda ocupam a maioria dos cargos seniores ou de liderança no setor de saúde. E a despeito de seu papel fundamental no combate à pandemia, com grande risco pessoal de infecção, as profissionais de saúde femininas recebem, em média, 28% menos do que seus pares masculinos (HINZ; ZUBEK, 2020).

3.5 As Mulheres e o trabalho informal

As mulheres brasileiras (assim como em muitos países do Sul Global) são empregadas em atividades informais e mal remuneradas. Segundo documento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) chamado Síntese de Indicadores Sociais de 2019, 41,3% da população ocupada está no trabalho informal. Aplicando um recorte de gênero, o trabalho informal representa 42% do emprego feminino, enquanto simboliza 20% do emprego masculino. Dentre as trabalhadoras informais, 47,8% são de mulheres negras, segundo Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - Contínua (Pnad Contínua) (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2019b).

O Brasil já vinha em um processo de precarização do trabalho, chamado por alguns de “uberização”, que consiste em um trabalho sob demanda, com exploração da mão de obra por parte de poucas e grandes empresas que concentram o mercado mundial dos aplicativos e plataformas digitais, que tem como principal característica, a ausência de qualquer tipo de responsabilidade ou obrigação em relação aos “parceiros cadastrados”, como são chamados os prestadores de serviços (OLIVEIRA, 2019).

3.6 As Lideranças femininas diante da pandemia

As respostas dos países à crise do coronavírus têm sido variadas e de resultados heterogêneos, mas as de maior sucesso têm em comum governos chefiados por mulheres. A Nova Zelândia, liderada pela primeira-ministra Jacinda Ardern, está entre algumas das nações mais eficientes no controle da pandemia, segundo dados da Universidade Johns Hopkins, assim como Islândia, Dinamarca, Finlândia, Alemanha, Noruega e Taiwan. ‘Coincidentemente’, estes sete países são governados por mulheres e seis deles ocupam as primeiras posições entre os 144 do ranking do Relatório global sobre igualdade de gênero do Fórum Econômico Mundial (FEM). Tal fenômeno pode ser explicado pela intimidade que, infelizmente, as mulheres têm com a desigualdade. O que pode gerar uma capacidade de liderança também mais conectada com a vulnerabilidade, segundo cientista política e ativista feminista Manoela Miklos (BERTOLDO; MARTINS; FERRARI, 2020).

4 Considerações Finais

Baseado nesse estudo pode-se observar a importância da mulher na pandemia do covid-19, tendo como aspectos a necessidade de abordar as histórias com uma longa trajetória tanto no passado como no presente, e a pandemia despertou novos problemas que sinalizam a necessidade de intensificar esforços para promover produtos já produzidos como mostra o método histórico.

Refletindo sobre a história das mulheres durante a pandemia torna-se possível pensar que a tensão ainda é uma realidade tanto em ambientes domésticos como em espaços públicos, são a escolha de um emprego, o desemprego e falta de políticas públicas de combate à violência que ocorre nessas situações.

Com isso o público feminino durante a pandemia foi o mais afetado, de maneira sobrecarregada de trabalho e elas continuaram executando todas as funções dadas e impostas e assim continuar lutando para ter seu espaço na sociedade e contribuir para fazer história no mundo.

A pandemia do covid 19 trouxe para as mulheres uma privação muito grande fazendo com que elas tivessem que redefinir estruturar e organizar o trabalho em home-office. o cuidado com a família, o cuidado com a casa e com isso fazendo muitas delas serem levadas a exaustão e com isso retrocedendo por tudo que elas vem lutando na sociedade a anos.

A Lei 14.022/2020, veio para ajudar a combater a violência contra mulher em tempos de pandemia, e foram estendidas para crianças, pessoas com deficiências e idosos, com isso exigindo para as autoridades competentes fizessem mais instrumentos para acolher as vítimas e punir os agressores em união com a Lei Maria da Penha.

Enfim as mulheres foram as mais afetadas nessa pandemia do covid-19 por fazerem múltiplas tarefas como trabalhar em casa até mesmo fora que muitas delas não pararam durante a pandemia, a educação dos filhos, cuidar da família, da saúde, dos idosos, da casa etc., afazeres de formas injustas e desiguais e muitas ainda perderam seus empregos no corte que teve na pandemia e ter que ficar em casa dependendo dos seus parceiros para tudo e terminaram algumas até sofrendo violência doméstica.

Referências

AGÊNCIA NACIONAL DE SAÚDE SUPLEMENTAR. Beneficiários de planos privados de saúde, por cobertura assistencial (Brasil – 2010-2020). Disponível em:< <https://www.gov.br/ans/pt-br>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

BENJAMIN, Walter. Magia e técnica. Arte e política. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BERTOLDO, S.; MARTINS, F. B.; FERRARI, M. Eficientes contra o coronavírus, países governados por mulheres se destacam em políticas de igualdade de gênero AzMina, 12 maio 2020. Disponível em:< <https://azmina.com.br/reportagens/eficientes-contra-o-coronavirus-paises-governados-por-mulheres-se-destacam-em-politicas-de-igualdade-de-genero/>> Acesso em: 16 fev. 2022.

Beutell, N., & O'Hare (2018). M Work Schedule and Work Schedule Control Fit: Work-Family Conflict, Work-Family Synergy, Gender, and Satisfaction (January, 19). Recuperad de SSRN Journal. Doi:10.2139/ssm.3105671.

BORGES, Iara Faria. Lei que combate violência doméstica durante a pandemia já está em vigor. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2020/07/09/lei-que-combate-violenciadomestica-durante-a-pandemia-ja-esta-emvigor#:~:text=J%C3%A1%20est%C3%A1%20em%20vigor%20a,%C3%B3rg%C3%A3os%20de%20prote%C3%A7%C3%A3o%20a%20v%C3%ADtimas>. Acesso em: 15 fev.2022.

Borsoi, I.C.F. (2012). Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de ensino superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, 15(1), 81-100. doi: <https://doi.org/10.11606/issn.1981-0490.v15i1p81-100>. Acesso em: 15 fev.2022.

Borsoi, I.C.F., & Pereira, F.S.P.S. (2011). Mulheres e homens em jornadas sem limites docência, gênero e sofrimento. *Temporalis*, 11(21), 119-145. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5017169>. Acesso em: 15 fev.2022.

BRASIL. LEI Nº 14.022/2020, DE 7 DE JULHO DE 2020, Lei medidas de enfrentamento à violência doméstica e familiar contra a mulher e de enfrentamento à violência contra crianças, adolescentes, pessoas idosas e pessoas com deficiência durante a emergência de saúde pública de importância internacional decorrente do coronavírus. Disponível em:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2020/lei/L14022.htm#view>. Acesso em 15 fev. 2022.

COSTA, Marli Marlene Moraes da. AQUINO, Quelen Brondani de. A violência contra a mulher: breve abordagem sobre a Lei Maria da Penha. Disponível em: <file:///C:/Users/ADMIN/Downloads/738-Texto%20do%20artigo-2135-1-10-20131001.pdf>. Acesso em: 05 fev.2022.

Costa, S. S.(2020). Pandemia e Desemprego no Brasil. **Revista de Administração Pública**, 54(4), 969-978. Dóci: 10.1590/0034-761220200170.

DE LARA BUENO, W. História das mulheres em tempos de pandemia. **Filosofia e Educação**, Campinas, SP, v. 12, n. 3, 2021. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 15 fev. 2022.

DE OLIVEIRA, Raquel Mignoni; CORRÊA, Ygor; MORÉS, Andréia. Ensino remoto emergencial em tempos de covid-19: formação docente e tecnologias digitais. **Revista Internacional de Formação de Professores**, v. 5, p. e020028-e020028, 2020. Disponível em: <https://periodicoscientificos.itp.ifsp.edu.br/index.php/rifp/article/view/179>. Acesso em 20 fev 2022.

DE SOUZA MONTEIRO, Solange Aparecida; YOSHIMOTO, Eduardo; RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. A produção acadêmica sobre a questão da violência contra a mulher na emergência da pandemia da covid-19 em decorrência do isolamento social. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, v. 22, n. 1, p. 152-170, 2020.

DE. OLIVEIRA, Márcya Cândida Casimiro et. Al. Análise da violência doméstica contra a mulher em tempos de pandemia da covid-19. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v.13, n.11, p. e9050-e9050,2021.

DEL PRIORE, Mary (Org.). História das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 1997

DIAS, Maria Odila Leite da Silva. Quotidiano e poder em São Paulo no século XIX. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Eby, L.T., Casper, W.J., Lockwood, A., Bordeaux, C. & Brimley, A.(2005). Work and family research in IO/OB: Content analysis and review of the literature (1980-2002). *Journal of Vocational Behavior*, 66(1),124-197. doi:10.1016/j.jvb.2003.11.003.

ESTADÃO CONTEÚDO. Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia; denúncias ao 180 sobem 40%. Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-apanidemia-denuncias-ao-180-sobem-40/>. Acesso em 17 fev.2022.

Fabbro, M.R.C., & Heloani, J.R.M. (2010). Mulher, maternidade e trabalho acadêmico. *Investigación y Educación en Enfermería*, 28(2), 176-187. Disponível em <http://www.scielo.org.co/pdf/iee/v28n2/v28n2a04.pdf>.

FALCÃO, Letícia Prazeres; MACHADO, Camila Fechine. Produção Acadêmica Feminina em Tempos de Pandemia do Covid-19. **Revista de Pesquisa e Educação Jurídica**, v. 6, n. 2, p. 55-74, 2020.

FIGUEIREDO, Luciano. O avesso da memória: cotidiano e trabalho da mulher no século XVIII. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, DF: Edunb, 1993.

FORNARI, Lucimara Fabiana et al. Violência doméstica contra a mulher na pandemia: estratégias de enfrentamento divulgadas pelas mídias digitais. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 74, 2021.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA (FBSP). Violência doméstica durante a pandemia de Covid-19. 2020. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acessado em: 18 fev. 2022.

Greenhaus, J. H., & Beutell, N.J.(1985). Sources of conflict between work and family roles. *Academy of Management Review*, 10(1),76-88. doi:10.5465/amr.1985.4277352.

GURGEL, T. Feminismo e luta de classe: história, movimento e desafios teóricopolíticos do feminismo na contemporaneidade. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO

GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis, 2010. Anais [...]. Florianópolis, 2010 p. 1-9. Disponível em:www.mulheresprogressistas.org/AudioVideo/Feminismo%20E%20Luta%20de%20Classe.pdf. Acesso em: 19 fev. 2022.

HINZ, K.; ZUBEK, I. Why the COVID-19 Pandemic Needs an Intersectional Feminist Approach.

Horn, B.G., Kestring, B., Rocha, L.C.P., Santarosa, S. D. (2020). Aulas não presenciais em tempos de Pandemia. KESTRING, Bernardo (org.) [et.al] Aulas não presenciais em tempos de Pandemia: Improviso, exclusão e precarização do ensino no Paraná. Platô Editorial – 207p. Curitiba.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Mulheres dedicam mais horas aos afazeres domésticos e cuidado de pessoas, mesmo em situações ocupacionais

iguais a dos homens. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/24266-mulheres-dedicam-mais-horas-aos-afazeres-domesticos-e-cuidado-de-pessoas-mesmo-em-situacoes-ocupacionais-iguais-aos-homens>. Acesso em: 16 fev 2022.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) - 1o trimestre 2019. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Es, jul. 2019b. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/141f5ee2291bea24dfe2e329c7fc0708.xlsx. . Acesso em: 19 fev. 2022.

KOSELLECK, Reinhart. Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2006.

KOVALESKI, Nadia Veronique Jourda. Relações de gênero entre docentes dos Programas de Pós-Graduação da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR) e da Universidade Tecnológica de Compiègne (UTC-França): um estudo comparativo das carreiras de homens e mulheres. 2013. Disponível em: http://repositorio.utfpr.edu.br:8080/jspui/bitstream/1/709/1/CT_PPGTE%20_D_Kovaleski%20. . Acesso em 22 de fev. 2022.

LAGARDE, M. Del femicidio al feminicidio. Desde el jardín de Freud. Bogotá: n. 6, p. 216- Solange Aparecida de Souza MONTEIRO; Eduardo YOSHIMOTO e Paulo Rennes Marçal RIBEIRO Doxa: **Rev. Bras. Psico. e Educ., Araraquara**, v. 22, n. 1, p. 152-170, jan./jun., 2020. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v22i1.13976> 169 225, 2006.

LEMOS, Ana Heloísa da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em home office durante a pandemia da Covid-19 e as configurações do conflito trabalho-família. **Revista de Administração de Empresas**, v. 60, p. 388-399, 2021.

LEMOS, Ana Luíza da Costa; BARBOSA, Alane de Oliveira; MONZATO, Priscila Pinheiro. Mulheres em Home Office durante a Pandemia da Covid- 19 e as Configurações do Conflito Trabalho-Família Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003475902020000600388&script=sci_arttext#:~:text=Ademais%20sua%20ado%C3%A7%C3%A3o%20reduz%20os,com%20o%20transporte%20casa%20trabalho.&text=O%20home%20office%20implementado%20em,\(Ag%C3%Aancia%20Brasil%2C%202020b\)](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S003475902020000600388&script=sci_arttext#:~:text=Ademais%20sua%20ado%C3%A7%C3%A3o%20reduz%20os,com%20o%20transporte%20casa%20trabalho.&text=O%20home%20office%20implementado%20em,(Ag%C3%Aancia%20Brasil%2C%202020b)). Acesso em: 15 fev.2022.

LÖWY, Michael. Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses" Sobre o conceito de história". Boitempo Editorial, 2015.

MACÊDO, Shirley. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Revista do NUFEN**, v. 12, n. 2, p. 187-204, 2020.

MACHADO, Cecília. Crise de gênero ou do mercado de trabalho. Folha de S.Paulo. São Paulo, 4 ago. 2020, Mercado Coronavírus, p. 18.

MARQUES E, et al. Violence against women, children, and adolescents during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. **Cadernos de Saúde Pública**, 2020; 36(4): 1-4.

MARQUES, Emanuelle et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela covid-19: panoramas, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos Saúde Pública**. Rio de Janeiro: Fundação Osvaldo Cruz, 36 (4), abr. 2020.

MARTINS, R. X. A COVID- 19 e o fim da Educação a Distância: um ensaio. **Revista de Educação a Distância**, v. 7, n. 1, p. 242-256, 2020. Disponível em: <http://www.aunirede.org.br/revista/index.php/emrede/article/view/620>. Acesso em: 16 fev. 2022.

Martins, S. S.V., Lipp, D. F. S., & Monteiro Junior, R. C. T. (2020). Tempos de pandemia: Possibilidades para os trabalhadores na nova crise que se instala. **Revista Valore**, Volta Redonda, 5 (edição especial). 136-159. doi: 10.224/08/ reva502020653136-159.

MATOS, Maria Izilda; BORELLI, Andrea. Espaço feminino no mercado produtivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria. Nova história das mulheres (Org.). Nova história das mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2012.

MENDES, Janaína Dutra Silvestre. As mulheres à frente e ao centro da pandemia do novo coronavírus. **Metaxy-Revista Brasileira de Cultura e Política em Direitos Humanos**, 2020.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, Antônio. (Org.). Vidas de Professores. 2. ed. Porto: Porto Editora, 2007.

NUNES, Wálter. Advogadas criam escritórios só de mulheres em busca de espaço no direito. Folha Mulher. Folha de São Paulo. Publicado em 08 de março de 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/03/advogadas-criam-escritorios-so-de-mulheres-em-busca-de-espaco-no-direito.shtml>. Acesso em 22 de fev. 2022.

Oliveira, L , B., Cavazotte, F, S, C, N & Paciello, R. R. (2013). Antecedentes e consequências dos conflitos entre trabalho e família. **Revista de Administração Contemporânea**, 17(4). 418-437. doi: 10.1590/S1415-65552013000400003

OLIVEIRA, T. M. R. DE. A uberização das relações de trabalho CartaCapital, 10 ago. 2019. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/justica/a-uberizacao-das-relacoes-de-trabalho/>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ONU MULHERES. Mulheres no centro da luta contra a crise Covid-19. [s.l.] Organização das Nações Unidas, 26 mar. 2020b. Disponível em: < <https://brasil.un.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

ONU. ONU MULHERES BRASIL. Gênero e COVID-19 na América Latina e no Caribe Dimensões de gênero na resposta. Disponível em: http://www.onumulheres.org.br/wpcontent/uploads/2020/03/ONU-Mulheres-Covid19_LAC.pdf. Acesso em: 18 fev. 2022.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA. Coronavírus deixa mais de 776 milhões de alunos fora da escola, diz UNESCO. Disponível em:< <https://brasil.un.org/>>. Acesso em: 15 fev. 2022.

PESSOA, Amanda Raquel Rodrigues; MOURA, Marla Maria Moraes; DE FARIAS, Isabel Maria Sabino. A composição do tempo social de mulheres professoras durante a pandemia. **LICERE-Revista do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer**, v. 24, n. 1, p. 161-194, 2021.

PIMENTEL, Amanda; MARTINS, Juliana. O impacto da pandemia na violência de gênero no Brasil. In: Anuário Brasileiro de Segurança Pública, ano 14, 24 jul. 2020. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8661985>. Acesso em: 19 fev. 2022.

Pluut, H., Ilies, R., Curseu, P.L. & Liu, Y. (2018). Social support at work and at home: Dual buffering effect in the work-family conflict process. *Organizational Behavior and Human Decision Processes*, 146,1-13. doi: 10.1016/j.obhdp.2018.02.001.

Porto, D. (2008). Trabalho doméstico e emprego doméstico: atribuições de gênero marcadas pela desigualdade. **Revista Bioética**, 16(2), 287-303. Recuperado de http://revistabioetica.cfm.org.br/index.php/revista_bioetica/article/view/74/77.

RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997. p. 605.

REIS AP, et al. Gender and race inequalities in the Covid-19 pandemic: implications for control in Brazil. *Saúde e Debate*, 2021; 44: 324-340.

Roman, C. (2017). Between money and love: work-family conflict among Swedish low-income single mothers. *Nordic Journal of Working Life Studies*, 7(3), 23-41. doi: 10.18291/njwls.v7i3.97093.

ROUSSO, Henry. A última catástrofe: a história, o presente, o contemporâneo. Rio de Janeiro: FGV, 2016.

SANTOS, Gabriela de Brito Martins et al. Cuidado de si: trabalhadoras da saúde em tempos de pandemia pela Covid-19. **Trabalho, Educação e Saúde**, v. 18, 2020.

SANTOS, Vívian Matias dos. Uma "perspectiva parcial" sobre ser mulher, cientista e nordestina no Brasil. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 24, n. 3, pág. 801-824, dezembro de 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/q4pXS5HfCvXHJrwz7TGdg6s/?lang=pt>. Acesso em 22 de fev. 2022

Savic, D. (2020). Covid 19 and work from home: Digital transformation of the workforce. *The Grey Journal*, 16(2), 101-104. scences during the COVID-19 pandemic: overview, contributing factors, and mitigating measures. *Cadernos de Saúde Pública*, 2020; 36(4): 1-4.

Schouten, M. J. (2011). Ubiquitous e Tempo e Tecnologia: dois projetos sobre questões de gênero. Atas do seminário Igualdade de Gênero. Pp. 43-47. Covilhã. Universidade da Beira do Interior.

SILVA, Andrey ferreira da et al. Saúde mental de docentes universitários em tempos de pandemia. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, v. 30, p. e300216, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.org/article/physis/2020.v30n2/e300216/pt/>. Acesso em 22 de fev. 2022.

SOUZA, K. R. et al. Trabalho remoto, saúde docente e greve virtual em cenário de pandemia. *Trabalho, Educação e Saúde*, v. 19, 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S198177462021000100401&lng=en&nrm. Acesso em: 21 fev. 2022.

Spurk, D.; Straub, C. (2020) Flexible employment relationships and careers in times of the COVID-19 pandemic. *Journal of Vocational Behavior*, 119, 1-4. Doi:10.1016/j.jvb.2020.103435.

Waizenegger, L., McKenna, B., Cai, W. & Bendz T. (2020). An affordance perspective of team collaboration and enforced working from home during Covid19. *European Journal of Information Systems*, 29(4), 429- 442. doi: 10.1080/0960085X.2020.1800417.